

ARTISTAS MULHERES NO INÍCIO DO SÉCULO XX NO RS: A CERAMISTA HILDA GOTZ

RAFAELA INÁCIO JAQUES¹; ÚRSULA ROSA DA SILVA²; THIAGO SILVA DE AMORIM JESUS³

¹*Universidade Federal de Pelotas – rafaelainaciojaques@hotmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – ursularsilva@gmail.com*

³*Universidade Federal de Pelotas – thiagofolclore@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho “Artistas mulheres no início do século XX no RS: a ceramista Hilda Gotz” faz parte do grupo de pesquisa Caixa de Pandora e tem como objetivo tratar de questões acerca da mulher artista na história da arte, e os diversos fatores oriundos de construções culturais sobre seu papel estabelecido enquanto agente social. Partindo dos cerceamentos enfrentados por essas artistas no que se refere ao acesso ao ensino da arte no início do século XX, onde eram proibidas de cursarem aulas de modelo vivo por uma ressalva moral, são salientados fatores que contribuíram para a Arte e seus teóricos, enquanto produção/produtores, a negligenciarem artistas mulheres. Utilizando referenciais teóricos que conectam a história da arte (enquanto a sucessão dos fatos descritos por alguém) e a história das mulheres enquanto dado cultural é possível estabelecer relações entre a expectativa de uma conduta feminina (sensibilidade/fragilidade/submissão) e seu local de atuação (doméstico/privado) em contraponto a arte, enquanto campo de criação, permeada por artistas homens e os grandes mestres.

Realizando um recorte de tempo e localidade, a pesquisa se volta para o RS no início do século XX, buscando trazer visibilidade a artistas mulheres, sua biografia e produção artística. Tem como objetivo ainda analisar de que maneira a crítica de arte atua como um importante fator dentro do campo da artístico e de que maneira isso se articula como meio de trazer à tona essa produção no período.

2. METODOLOGIA

A relação entre mulheres artistas e a arte no século XIX se faz complexa a partir de especificidades do campo, como acesso ao ensino, participação em ambientes propícios a divulgação da produção e o tratamento por parte da crítica.

Para compreender mais claramente os fatores que levaram a academia a ser um lugar inicialmente proibido, e depois seletivo, com as artistas mulheres é necessário recorrer a referências que possam abranger de maneira geral a relação entre o ser artista e ser mulher. São utilizados textos de teóricas sobre história, sociologia e antropologia, com o objetivo de criar uma rede de conceitos estabelecidos sobre a mulher, antes do termo artista. Entre eles, *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*, de Joan Scott, onde a autora conceitua gênero como “uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado” (1995, p.8).

Sobre essa categoria imposta, Rose Marie Muraro, em *Mulher no Terceiro Milênio* escreve que “o domínio público, da história, foi alocado ao princípio masculino, enquanto o princípio feminino, marginalizado, circunscreveu-se ao domínio da casa, do privado, da reprodução.” (1992, p.67). São utilizadas ainda

Michelle Rosaldo, Simone de Beauvoir, Louise Lamphere, Linda Nochlin como teóricas de campos além/e da arte.

No campo da arte, são utilizadas autoras como Whitney Chadwick, Michelle Perrot, Luciana Loponte e Ana Paula Simioni para entender as particularidades presentes na trajetória dessas artistas mulheres pelo campo da arte e os cerceamentos que as impediram de acessar os cânones da época em que viveram e por consequência, a negligência.

A partir da abordagem feita pela autora sobre a crítica de arte e sua importância como elemento validador da produção das artistas, são realizadas leituras e análises dos textos escritos por Ângelo Guido, crítico considerado um dos pioneiros na escrita que se faz valer da aproximação dele com o campo artístico para tratar das obras, no Jornal Diário De Notícias, impresso de grande circulação no estado, no período entre 1930-1950. A partir dessas críticas, são levantadas quais artistas são citadas e de que maneira se difere do tratamento dado aos artistas homens. Com a leitura das referências sob um viés de gênero, é possível traçar uma linha de pensamento que leve em consideração a quantidade escassa de nomes conhecidos atualmente pertencentes o período, a nível geral, e como isso vai além do campo da arte, e interpela o sexo feminino em diversas esferas sociais.

Devido à escassez material sobre o conteúdo abordado, se faz necessário recorrer a tese de doutorado *A Fundamentação Estética da Crítica de Arte em Angelo Guido: A crítica de arte sob o enfoque de uma história das ideias* (2001), de Úrsula Rosa da Silva, onde constam em anexo as críticas realizadas por Angelo Guido.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir da leitura e debate dos textos, através de perspectivas que trataram da questão da mulher em diferentes focos, é possível entender de que maneira as construções sociais são capazes de atuar como reforço aos estereótipos sobre o sexo feminino, em consequência, à mulheres em esferas instauradas e predominantemente masculinas. Sendo assim, ao longo do curso da história, conceituada por Michelle Perrot em *Minha História das Mulheres* como “o que acontece, a sequência dos fatos, das mudanças, das revoluções, das acumulações que tecem o devir da sociedade” e completa “mas também é o relato que se faz de tudo isso.” (2008, p. 16), percebe-se além da falta da mulher no espaço público, o silêncio das fontes que relatam.

Como compensação à falta de fontes e registros, que apagaram as mulheres, há milhares de representações visuais, plástica e literárias, feitas por homens. O que se tem de registro são olhares masculinos que tão pouco estabelecem contato direto com a realidade cotidiana das mulheres representadas. Para entrar na academia, não sendo como modelo representada, a mulher que desejasse obter conhecimento enfrentou diversos cerceamentos. Muita dessa restrição imposta, na questão do ensino, foi mais uma vez, um pensamento sobre a incapacidade feminina, onde foram atribuídos aspectos biológicos distintivos para justificar construções culturais. Criou-se a relação polarizada entre o sopro abstrato masculino e criativo e atributos femininos como sensibilidade e intuição, não existindo criação às “imitadoras”. Além disso, houve a impossibilidade de cursarem as aulas de modelo vivo, recorrendo a ateliês privados- onde a mensalidade era o dobro da masculina, a estudos do próprio corpo ou de quadros de naturezas-mortas, paisagens- chamadas de “artes menores” em relação com as pinturas de fatos históricos. Mesmo com a

possibilidade de entrada das artistas na academia desde 1770, o acesso era distinto do masculino e seria necessário contar com uma indicação real, que atribuísse a elas o título de excepcionalidade.

Apesar de o caso brasileiro ser mais favorável para as artistas, já que aqui puderam ingressar na academia legalmente desde 1892, a instituição possuía as mais diversas carências, havendo um baixo nível de institucionalização.

No RS, Angelo Guido (1893-1969), crítico e artista considerado um dos principais propulsores da crítica no estado, escrevia sobre exposições de homens e mulheres, publicados no jornal Diário de Notícias (1928-1960), periódico de grande circulação no estado. Trazendo o recorte para o objeto que dá nome a esse trabalho de pesquisa, a produção de artistas mulheres no século XX, foi selecionada a artista Hilda Gotz.

A quinta filha entre sete, a artista nasceu em Cachoeira do Sul - RS em 1908. Desde a infância já demonstrava interesse pela questão manual, e aos 6 anos iniciou moldando animais em barro vermelho, de um riacho da cidade. A relação com a pintura se deu ainda na adolescência. Passou a ter aulas com Frederico Guilherme Lobe, pintor e fotógrafo, iniciando-se também na fotografia. Na época em que assumiu a cadeira de desenho na Escola Complementar de Cachoeira, abriu seu próprio ateliê de fotografia, tendo como clientes importantes famílias da cidade.

Considerada uma mulher avançada para os critérios da época, Hilda Gotz escandalizava ao dirigir sozinha às lavouras de arroz com seu material para pintura com o objetivo de registrar os trabalhadores. Foi para Porto Alegre e depois Rio de Janeiro em 1949, onde foi a intituladora da cadeira de cerâmica na Escola Nacional de Belas Artes. Participa de inúmeras edições do Salão Nacional de Arte Moderna, entre os anos 1950 e 1960. Em 1953, participa da II Bienal de São Paulo. Realiza a restauração de painéis de Portinari no prédio do MEC, Brasília, em 1966, além de restauros de peças de azulejaria antiga. Em 2008, ocorrem exposições no Hamburgo Hotel e no Museu Municipal de Cachoeira do Sul em homenagem aos 100 anos de vida da artista.



Sete Destinos, 1954

4. CONCLUSÕES

Quando se trata da figura da mulher na história da arte, a relação entre o produtor da visualidade e a obra, se deu através de relações de poder dentro do próprio campo, além da esfera social onde mulheres e homens estavam inseridos.

Dentro do campo, as dificuldades oscilavam entre a ressalva moral, referentes a impossibilidade das mulheres de ingressarem na academia, sendo impossibilitadas de terem o contato com o cânone da representação no período: as aulas de modelo vivo. Outro fator importante foi o tratamento da crítica para as artistas, na medida em que, esse importante elemento de validação artística atuava também como meio de divulgação e por resultado, conhecimento da obra e/ou artista. Se faz necessário um olhar sobre a produção das artistas mulheres em níveis gerais e específicos. A pesquisa dessas mulheres, cujas exposições de arte tiveram críticas escritas por um crítico artista, nesse caso específico Angelo Guido sobre a produção de Hilda Gotz, se faz necessária para criar um campo histórico da arte que utiliza um referencial de teóricas mulheres, que escrevem sobre mulheres, a respeito de produção de mulheres.

As conclusões e resultados vão além de tabelas e textos, onde se faz a reflexão acerca de construções culturais sobre a produção de um conhecimento prático e teórico acerca das produções femininas, afim de dar visibilidade e trazer à tona. O acervo de imagens sobre essas artistas gaúchas do início do século XX se reduz a uma pequena biografia e algumas poucas imagens. A história da arte é um relato de acontecimentos organizados de maneira cronológica de homens sobre homens, dos historiadores sobre “grandes mestres”, e a pesquisa sobre o que foi produzido às margens é indispensável para o conhecimento e apreciação da arte como dado cultural e social.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CHADWICK, W. **Mujer, Arte y Sociedad**. Barcelona: Destino. 1992.
- GUIDO, Angelo. **A Exposição Hilda Goltz**, Diário de Notícias: Porto Alegre, 1942, p.9.
- LOPONTE, L. **Docência Artística: Arte, Estética de Si e Subjetividades Femininas**. Tese. Programa de Pós-Graduação em Educação. Faculdade de Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2005.
- MURARO, R. **A mulher no terceiro milênio: uma história da mulher através dos tempos e suas perspectivas para o futuro**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992.
- PERROT, M. **Minha História das Mulheres**. Local de Edição: Editora, 2008.
- SCOTT, J. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. Educação & Realidade: Porto Alegre, 1995.
- SILVA, U. **A Fundamentação Estética da Crítica de Arte em Angelo Guido: A crítica de arte sob o enfoque de uma história das ideias**. Tese. Curso de Pós-Graduação em História. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2001
- SIMIONI, A. P. **Profissão Artista: Pintoras e Escultoras Acadêmicas Brasileiras**. São Paulo: EDUSP, 2008.